



O papel da família na sociedade do futuro

Cátia Olivier Mello, Porto Alegre*

* Membro Associado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

Revista de Psicanálise da SPPA, v. 17, n. 3, p. 603-612, dezembro 2010 □ 603



Qual será o papel da família na sociedade do futuro é o nosso desafiador tema de hoje. Já que não temos como prever a sociedade do futuro, vejamos como o imaginava a cultura da geração anterior à nossa. Como a ficção científica (que usualmente, junto com a arte, “antecipa” o futuro) e o cinema pensavam que seria a sociedade do futuro há 80 anos atrás?

Seria como em *Admirável mundo novo* (obra de ficção de Aldous Huxley publicada em 1932)? Este livro narra um hipotético futuro no qual as pessoas seriam pré-condicionadas biológica e psicologicamente a viver em harmonia com as leis e regras sociais dentro de uma sociedade organizada por castas. A sociedade desse “futuro” criado por Huxley não possuiria a ética religiosa e valores morais que regiam a sociedade em 1932. Qualquer dúvida e insegurança dos cidadãos seria dissipada com o consumo da droga sem efeitos colaterais chamada *Soma*. A família não existiria no futuro projetado em *Admirável mundo novo*. Fora substituída pelo *Soma*.

Viria a ser, talvez, o futuro como em *1984*, com um líder autoritário onipresente controlando tudo e todos? O romance do autor inglês Eric Arthur Blair, mais conhecido pelo pseudônimo de George Orwell, foi publicado em 1949 e retrata o cotidiano de um regime político totalitário e repressivo no ano homônimo. No livro, Orwell mostra como uma sociedade oligárquica coletivista é capaz de reprimir qualquer um que a ela se opuser. O romance se tornou famoso por seu retrato da difusa fiscalização e controle de um determinado governo na vida dos cidadãos, além da crescente invasão dos direitos do indivíduo. Da mesma forma que em *Admirável mundo novo*, também em *1984* a matriz familiar como tal não existe, tendo sido substituída por um superego tirânico e controlador, o qual impediria a expansão da identidade e das diferenças individuais. Como se vê, em ambas as obras encontramos a influência dos regimes totalitários no imaginário da cultura, quer para descrevê-los, quer como desejo de libertar-se deles.

Já em *Os Jetsons*, série animada de televisão norte-americana produzida por Hanna-Barbera de 1962 a 1963, percebemos a influência da sociedade de consumo e o avanço da tecnologia traduzida no imaginário do que seria a o futuro da família na década de 60: carros voadores, cidades suspensas, trabalho automatizado, toda sorte de aparelhos eletrodomésticos e de entretenimento, robôs como criados... A estrutura da família nuclear no futuro distante, entretanto, permaneceria a mesma da classe média americana na década de 60: pai, mãe, filhos, mascotes, criados...





Distante um pouco do cotidiano e quase 40 anos mais tarde, *Matrix* (exibido em 1999 projetando o ano de 2200) expressa uma antiga questão filosófica influenciando a vida cotidiana das pessoas: “O que é real?”. O filme de produção norte-americana e australiana apresenta a luta do ser humano para se livrar, por volta do ano de 2200, do domínio das máquinas que evoluíram após o advento da inteligência artificial. No filme, em um recurso extremo para derrotar as máquinas, a humanidade cobriu a luz do Sol para cortar-lhes o suprimento de energia. As máquinas, entretanto, adotaram uma solução radical: sabendo que os humanos produzem energia elétrica (12 volts em média, segundo o filme), começam a cultivá-los em massa como fonte de energia e, para que o cultivo fosse eficiente, enquanto seus corpos reais permaneciam mergulhados em habitats nos campos de cultivo, seus cérebros passavam a receber programas de realidade virtual. *Matrix* é o programa de computador ao qual todos estavam conectados e simula a humanidade do século XXIII, para a qual as realidades virtual e real não são mais distinguíveis.

De outra ótica, Einstein, em 1932, teria dito, quando questionado acerca de como seria a 3ª guerra mundial, não saber responder, mas que o seu palpite era de que uma futura 4ª grande guerra seria feita novamente com paus e pedras. Nota-se aqui, entre outras intenções e mensagens transmitidas, a ideia de que, se a humanidade não refletir sobre si mesma e sobre o que está produzindo, acabará por não aprender com a experiência e retornar ao início da civilização, como se vê na cena antológica de *O planeta dos macacos* (filme americano baseado no romance de Pierre Boulle *La planète des singes*). O enredo se baseia na experiência de um astronauta sobrevivente de uma missão espacial que aterrissa em um planeta igual à Terra e descobre que uma raça de macacos falantes dominara e escravizara os humanos.

Tomando apenas esses exemplos para a nossa discussão de hoje, a projeção do futuro era de que a tecnologia avançaria eliminando as diferenças individuais e que a família em alguma medida teria que ser inventada para resolver os problemas criados pelo próprio avanço descontrolado da civilização. Em *Admirável mundo novo*, esta solução adviria do *Soma*; em *1984*, de um poder autoritário e onipresente e em *Matrix*, de um líder messiânico que ao final demonstra ser corruptível. Já Einstein pensava que viveríamos ciclos, os quais se repetiriam não incorporando avanços, conforme poderíamos supor que tivesse ocorrido em *O planeta dos macacos*.



Tudo ao mesmo tempo: os paradoxos como marca da nossa época

Já que algumas das “previsões” da ficção científica se confirmaram, também nós podemos pensar que o nosso futuro será baseado no nosso presente e que o papel da família no futuro poderá ser o de auxiliar a resolver as questões que se delineiam hoje. Pensando assim, passo a descrever como vejo a sociedade atual baseando-me no que percebo em minha clínica com crianças e adolescentes.

Vejo uma sociedade complexa, a qual, dentre os muitos aspectos que poderiam ser hoje abordados, é marcada pelos paradoxos decorrentes do avanço da tecnologia ter se incorporado de forma irreversível à vida do cidadão comum (bem como da ciência). Não é como em *Os Jetsons* ou em *Matrix* ainda, mas está apontando para lá.

A tecnologia nos permite fazer duas, três coisas *ao mesmo tempo*. E se, para os adultos, isso ainda é difícil, para as crianças ou adolescentes não é. Fazem o tema de casa, ouvem música e conversam no MSN sem prejuízo de nenhuma destas tarefas. *Sem déficit de atenção*. Faz parte do seu mundo, como fazia do nosso quando, então crianças e adolescentes, nos ocupávamos de uma tarefa por vez, só iniciando uma nova quando a anterior estivesse concluída.

Não se podia estar em dois locais *ao mesmo tempo*? Agora quase que se pode. As reuniões virtuais vão nesta direção, ainda que não seja exatamente a mesma situação. Mesmo as crianças são muito ocupadas, sem tempo livre para simplesmente brincar ou se entediar e aprender a lidar com o tédio (ou ócio). Seguindo nesta linha, note-se que quase todos têm telefone celular (inclusive as crianças e adolescentes, mesmo nas classes sociais menos favorecidas). Não se pode mais não ser encontrado. Ligamos diretamente para alguém e esperamos ser atendidos prontamente. *Sem espera*. Além disso, não perguntamos “quem é?” pois o nome da pessoa já está registrado no visor do telefone. *Sem surpresas*.

Vivemos numa sociedade em que praticamente não há espaços vazios nem tempo sem utilização em nenhuma área. Maior intimidade? Infelizmente não. Maior privacidade? Também não. Mas estamos sempre muito ocupados. Tudo é preenchido e rápido. Não há tempo para elaborar, para curtir os fatos, lembrar deles, para se habituar a fatos novos. Ou antigos. Preocupa-me que estejamos ensinando às nossas crianças que é também assim que se lida com sentimentos e, como muito do nosso dia é digital (sistema binário sim/não), isto é possível. O tempo para pensar é o do cursor, ele é que espera que decidamos se vamos clicar ou não aquele campo. Este é o nosso tempo. O do cursor e o das múltiplas “janelas”. O relógio já não dá conta de registrar o tempo.



O tempo para Freud

Freud nos ensina que o inconsciente é atemporal. Ao contrário do dia-a-dia, no qual o tempo do relógio segue somente em uma direção, o tempo do sonho e do inconsciente comporta várias eras ao mesmo tempo, sem prejuízo da possibilidade de construção do enredo sonhado. Outra maneira de descrever o tempo psíquico além de atemporal é, para o autor, o conceito de *après-coup* (Freud, 1889).

Freud referia-se a como nos recordamos de algo ao descrever que a lembrança de um fato somente passa a ter significação quando, tempos após a sua ocorrência, ele se liga a algo do momento por alguma analogia. De forma não linear, aqui se nota como o que vem depois precede o que veio antes: por causa de algo que ocorreu no presente, lembramo-nos de algo que ocorreu no passado. Por esta descrição de como funciona uma parte de nosso psiquismo, podemos ver como Freud pensava e compreendia os processos mentais em 1889: nada de cronologia nem de fatos estanques. Tudo dinâmico, móvel ou mobilizável em função do afeto e da memória. Contudo, até para lembrar precisamos de um lapso de tempo (ainda que infinitesimal) entre um evento e outro.

Mas se funcionamos desta forma, e já o sabemos desde 1889, por que nos parece que não damos conta da rapidez de informação? Por que temos a sensação de não ter tempo para nada? Por que pensamos que não devemos ficar sem fazer nada? Por que é cada vez mais difícil deixar que uma criança apenas brinque? Que um adolescente se confunda e mude seus hábitos da infância?

Se a descrição acima fosse de um paciente, pensaríamos como uma boa possibilidade na dificuldade desta pessoa para se dar tempo livre ou, talvez, tomar contato com seus sentimentos, sejam eles de amor, raiva, dúvida, medo, inveja, tristeza... Um paciente obsessivo? Fóbico? Melancólico? Sem saber ao certo quem é e do que gosta? Talvez. Mas e quando é uma sociedade inteira que assim reage? Do que queremos nos proteger? Com o que não queremos ou não podemos tomar contato? Talvez o ritmo acelerado da evolução e a possível mudança de paradigma (teoria do caos) que estejamos enfrentando seja a resposta para esta reação paradoxal. Vivemos hoje numa realidade de sistemas complexos, nos quais a incerteza é a principal resposta-orientação à qualquer pergunta. Talvez não reconheçamos mais (ou ainda) um mundo em transformação e lidar com o inesperado, com o que não sabemos, mas estamos vivendo (Prigogine, 1996), seja por demais excitante e, quem sabe, impossível de processar totalmente ainda.

Recentemente o filme de ficção científica norte-americano *O efeito borboleta*, lançado em 2004, escrito e dirigido por Eric Bress e J. Mackye Gruber,



teve como inspiração a teoria do caos, na qual está presente a teoria do *efeito borboleta*. Nesta película um jovem luta para esquecer fatos de sua infância. Para tanto ele decide realizar uma regressão em que volta também fisicamente ao seu corpo de criança, tendo condições de alterar seu próprio passado. Porém, ao tentar consertar seus antigos problemas, ele termina por criar novos, já que toda mudança que realiza gera consequências em seu futuro.

Com efeito, como se vê, a mudança de paradigma é já tão prevalente em nossas vidas que já estamos procurando compreendê-la e já é possível representá-la em forma de filme a exemplo de *1984*, *Matrix*, *Admirável mundo novo*, ou *Os Jetsons*.

O desenvolvimento à luz da percepção do tempo: entre o digital e o analógico

Tolerar a incerteza e o não saber é algo que, de fato, não se nasce sabendo. A percepção de que somos uma pessoa diferente das demais, que nos parecemos mais com uns do que com outros, a noção de tempo unidirecional, a capacidade de tolerar a frustração quando necessário, tudo isso se estabelece gradual e lentamente, à medida que uma série de identificações vai ocorrendo em família. Aprender a esperar, por exemplo, requer ter alguém com quem se identificar, com quem aprender.

O ritmo de ser atendido pela mãe, acrescido ao tempo em que o bebê espera pela próxima mamada, por exemplo, é um dos primeiros indicadores de que existe um momento futuro, independente do atual e que o tempo *circular* vai desaparecendo. Gradualmente, a criança vai se identificando com a figura de quem a alimenta e/ou cuida dela a ponto de internalizar um sentimento de que ela sobreviverá, pois alguém “olha” por ela. Na sequência (e por toda a vida) esta criança fará exercícios cada vez mais complexos de se auto-atender, no sentido de ela mesma se proporcionar a satisfação para o que necessitar ou ir em direção a outra pessoa que a possa auxiliar.

O desenvolvimento seguirá com os anos da infância e com o complexo de Édipo, ao final do qual haverá a necessidade de abandonar aquele objeto de amor e ir em direção ao outro, extrafamiliar, para que a exogamia possa se instalar. A tarefa do adolescente, neste sentido, é dupla e o seu tempo é “paradoxal”: não pode retornar ao passado, pois isto significaria realizar os desejos incestuosos, mas também não pode olhar em direção ao futuro, pois isto o coloca de frente com a percepção da morte. Somente na idade adulta, quando a maturidade permitir



lidar com paradoxos é que será possível aceitar que, quanto mais sabemos, mais nos damos conta do quanto precisamos aprender. A companhia do outro passa a ser tão necessária quanto desejada, não mais agora para realizar desejos ou satisfazer necessidades apenas, mas pela percepção de que a companhia do outro resulta em algo criativo e novo, ao contrário do que seria se permanecêssemos sozinhos. Tudo isso se processa na companhia de outra(s) pessoa(s).

Uma das principais tarefas da família é, portanto, traduzir com palavras e afetos como lidar com paradoxos, dentre eles o ritmo acelerado dos dias de hoje. Auxiliar a produzir subjetividade, seja pelo modelo de identificação com alguém que, mesmo imerso na cultura da “correria”, tem tempo para ouvir o relato de um dia de escola, tem espaço interno para aceitar um pedido de desculpas, ou para estar simplesmente ao lado da criança sem criticá-la quando uma ação sua não tiver conserto, nem for possível reparar um erro seu. Ao contrário do Soma de *Admirável mundo novo*, talvez pudéssemos acenar com a alternativa da analogia ao invés da digitalidade, servindo como um modelo de quem aceita a passagem do tempo como um aliado que traz tranquilidade, confiança e sabedoria de viver e sobreviver às mudanças nas gerações. Alguém que suporta a confrontação das gerações (Kancyper, 1999) como algo natural e necessário, que aceita ver no filho outra pessoa, e não um prolongamento seu.

Mas como fazer isso, se também nós não suportamos a diferença de gerações? Como ensinar que há beleza em cada faixa etária, tranquilizando os adolescentes quanto ao futuro, se precisamos nos manter eternamente com peso e corpo de adolescentes? Como fazer isto, se nós também, como as crianças e adolescentes, somos fruto desta cultura? Crianças são incentivadas a se “vestir” de mini-adultos, ao passo que os adultos são incentivados a se “vestir” de adolescentes. Com o borramento das gerações, imediatamente se percebe a dificuldade de se estabelecerem limites. A inversão de hierarquia (quando os filhos fazem o que querem em casa, sem receber limites dos pais, já que somos todos iguais) pode transmitir a ideia de que é possível adquirir-se um *status* de adulto sem passar pelo processo de amadurecer.

O papel da família na sociedade do futuro

Meltzer (1975) ressalta que a aceitação da temporalidade, da noção de finitude só se dá na idade adulta em função do caminho que necessita ser percorrido, da aceitação de que não sabemos nem somos capazes de fazer tudo (ou muito pouco) sozinhos. Assim, o adulto opta por proporcionar condições para que, em



conjunto com outras pessoas, a criatividade aflore, tal como foi criativo o encontro de seus pais para a criação de bebês no passado. O ciclo se completa e novos bebês são gerados, sejam eles pessoas, ideias ou realizações. Para tanto, é necessário aprender a esperar a sua vez. O tempo de vaivém acena, para Meltzer, com a possibilidade de o paradoxo ser algo interessante e bom, que advém somente com a maturidade.

De fato os benefícios da rapidez de soluções que a tecnologia nos traz não deveriam impedir nem substituir o ritmo das identificações e o processo de aquisição da noção de tempo de acontecer. Novamente, para que isto ocorra é necessária a presença de outra pessoa. No caso específico que estamos hoje abordando neste simpósio, é necessária a presença da alteridade. Mas não de uma “alteridade” como em *1984*, uma espécie de superego onipresente e externo que controla e invade todos os espaços de subjetividade. Precisamos de alteridade.

A psicanálise nos ensina (Baranger; Baranger, 1961-1962) que o que ocorre numa sessão de análise é mais do que a soma de duas subjetividades. O que se cria entre a dupla paciente e analista é algo que pertence somente àqueles dois e é fruto de sua interação naquele determinado momento. Assim, podemos pensar que, da mesma forma que os adultos de hoje sentem as diferenças e precisam adaptar-se aos avanços de um mundo diferente do de sua infância, também as crianças terão convivido com uma geração que mostrou a elas que já é possível aceitar diferenças e mudar.

A família do futuro, tendo vivido a virada do século XXI ou sendo fruto do novo milênio, terá convivido com mudanças o suficiente para notar o seu impacto na diferença de gerações. Talvez possamos aproveitar o melhor de dois mundos: viver com tudo o que nos acrescenta a precisão da nova ordem da vida digital, mas com uma subjetividade analógica: com comparações, analogias, possibilidades de transitar mentalmente entre “meios-tons” e superposições de conceitos. Com a capacidade de lidar com o incerto e o não-sabido, diferentemente da geração anterior, que via somente no autoritarismo e na perda da individualidade uma alternativa válida, como se observa em *1984*, *Admirável mundo novo* e *Matrix*.

Penso que ainda está por vir uma solução não autoritária e não individualista, pois esta seria um retrocesso e uma perda infinita para tudo o que se sabe sobre a capacidade de expansão da mente quando entramos em contato com outras pessoas. A função da família poderia ser um espaço no qual não se sucumbisse à falta de limites imposta pelo vazio deixado pelo preenchimento do tempo a qualquer custo. O contato com os membros da família precisaria ter, antes de mais nada, a função de estabelecer a alteridade, reconhecer o outro como outra pessoa e não como alguém capaz de satisfazer nossos desejos rapidamente. Um espaço no qual seria



possível nos reconhecermos como grupo, não avançando para um individualismo tal como em *Admirável mundo novo*. Um espaço de analogia, um espaço potencial (Winnicott, 1975) para que o tecido da subjetividade possa fazer-se continuamente.

Green (2001) comenta que, para suportar o andar do tempo em uma só direção, para suportar o dia-a-dia cronológico (princípio da realidade) com tudo o que isto implica (aceitação de limites do corpo e da mente, frustrações às vezes difíceis de assimilar, não ser o centro das atenções), é necessário o tempo do sonho, um tempo de ilusão, de contrários, um tempo que-vai-e-que-vem, tempo a uma só vez de sonho e de realidade. Um tempo que respeite a privacidade, a particularidade de cada um. Que espaço melhor do que o da família, no qual somos a um só tempo o individual e o coletivo? Filhos de nossos pais e pais de nossos filhos?

Observamos que a mente é um sistema complexo, como de resto o é a família. O *campo* entre pais e filhos cria condições para que se estabeleça o limite, a alteridade. É deste campo a tarefa de oportunizar o sonho, a subjetividade, o tempo psíquico, lidar com a incerteza e a complexidade. Somente num espaço de liberdade e aceitação com limites, no qual nos sintamos seguros, é que poderemos aprender a lidar com o incerto até que uma nova ordem se estabeleça. Somente aprendendo a esperar e encontrar respostas na subjetividade construída no contato com nossos pais e irmãos (ou com a família estendida - como os amigos o são) é que me parece possível, acredito, fazer frente a um mundo tão exigente, totalmente temporalizado a ponto de quase esmagar a subjetividade.

Para finalizar, seguindo a trilha dos exemplos da cultura, cito um pequeno trecho do livro *Antes de nascer o mundo*, de Mia Couto (2009), que penso ilustrar o que procurei mostrar neste final da minha exposição, porém o fazendo de maneira mais enxuta, mais clara e poética. O autor narra a experiência de um menino que perdera a mãe e pensava que o mundo acabara depois de sua morte. Especializara-se em ficar em silêncio. O primo, entretanto, lhe acena com a oportunidade de conhecer o que chamou de “o lado de lá”, ou seja, o mundo além do que eles conheciam:

Segui-o contra a corrente e fomos sulcando a ondulação até chegarmos à zona onde o rio se meandra, arrependido, e o leito se atapeta de calhaus rolados. Nesse remanso, as águas ganhavam surpreendente limpidez. O Ntunzi largou a minha mão e instruiu-me: eu deveria imitá-lo. Então, mergulhou para depois, todo submerso, abrir os olhos e, assim, contemplar a luz reverberando na superfície. Foi o que fiz: do ventre do rio, contemplei os rebrilhos do sol. E aquele fulgor me encandeou, numa cegueira





Cátia Olivier Mello

envolvente e doce. Se houvesse abraço de mãe teria que ter sido assim, nesse desmaio de sentidos (p. 27-28). □

Referências

- BARANGER, W.; BARANGER, M. (1961). La situación analítica como campo dinámico. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, v. 4, n. 1, p. 3-54.
- COUTO, M. (2009). *Antes de nascer o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- FREUD, S. (1889) Projeto para uma psicologia científica. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- GREEN, A. (2001). *El tiempo fragmentado*. Buenos Aires: Amorrortu.
- HANNA, W.; BARBERA, J. (1962). *The Jetsons*. [S.l.]: ABC Television. 22 min. [Desenho animado].
- HUXLEY, A. (1932). *Admirável mundo novo*. São Paulo: Globo.
- KANCYPER, L. M. (1999). *Confrontação de gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- MATRIX. (1999). Direção: Lana Wachowski e Andy Wachowski. [S.l.]: Warner Home Vídeo. 136 min.
- MELTZER, D. et al. (1975). *Exploración del autismo*. Buenos Aires: Paidós, 1979.
- ORWELL, G. (1949). *1984*. Londres: Secker and Warburg.
- PRIGOGINE, Y. (1996). *O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza*. São Paulo: UNESP.
- THE APE planet. (1968). Direção: Franklín Shaffner. Califórnia: 20th Century Fox. 95 min.
- THE BUTTERFLY effect. (2004). Direção: Eric Bress e Mackye Gruber. [S.l.]: New Line. 113 min.
- WINNICOTT, D. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

Recebido em 29/01/2011
Aceito em 02/03/2011

Cátia Olivier Mello

Rua Iguazu, 119/501
90470-430 – Porto Alegre – RS – Brasil
e-mail: catia.olivier@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA

